



A AULA DA PORTELA

“**M**ACUNAÍMA”, samba-enredo da Portela de 1975, é um dos meus preferidos. Entoadada na avenida (que ainda não era a Sapucaí) por Clara Nunes e Candeia, a canção inspirada em Mário de Andrade não rendeu vitória à escola, mas é admirada até hoje. No ano seguinte, a Em Cima da Hora confirmou que pódio não é tudo: a escola foi rebaixada, mas o samba-enredo “Os Sertões”, baseado no clássico livro de Euclides da Cunha, é considerado um dos melhores da história pelos entusiastas do gênero musical.

Ah, sim, somos um bando devoto: compartilhamos gravações dos anos 1940, recitamos sambas que perderam as disputas nas escolas (e portanto nem chegaram à avenida) e admiramos letras excêntricas como a que cita “a liquidez do abacaxi” em um enredo sobre a água (convenhamos, nessa a Mocidade Independente brilhou). Há muito que se aprender com os sambas-enredo.

O flerte das agremiações com a literatura também rendeu lúreas: em 1966, por exemplo, a Portela venceu com um enredo sobre *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida (e samba de Paulinho da Viola), e um ano depois a Mangueira foi campeã homenageando Monteiro Lobato.

Neste 2024, a Portela dedica o enredo “Um defeito de cor” ao romance homônimo de Ana Maria Gonçalves. O livro faz uma representação ficcional de Luísa Mahin, sobre quem há poucos registros historiográficos: acredita-se que a ex-escravizada protagonizou o levante dos Malês, em 1835, e era mãe do importante abolicionista Luiz Gama.



POR
MARÍLIA KODIK

É jornalista cultural
e ama livros

O título de Gonçalves alude à lei segundo a qual negros deveriam requerer dispensa do “defeito da cor” para exercer cargos religiosos – uma entre tantas estratégias coloniais de segregação e apagamento – e aos versos de Luiz Gama: “Em nós, até a cor é um defeito. Um imperdoável mal de nascença”.

Na sinopse oficial, a escola justifica a escolha como a celebração da luta de uma matriarca negra que se confunde à de tantas outras: “Essa é a história das negras mães de todos nós. Narrá-la é como narrar a busca pelo sentido da nossa existência enquanto sujeitos negros ativos neste Brasil. Por que somos? Por que assim fazemos? Por quem lutamos? Em memória do quê?”.

Em janeiro, as quase 1.000 páginas do romance foram tema de um curso on-line da Oficina de Artes Paulo da Portela – idealizada pela rainha de bateria Bianca Monteiro para fomentar a cultura na comunidade – e teve mais de 300 inscritos. “Com esse enredo, o livro fura a bolha e ganha um olhar popular, e o samba é validado como meio de comunicação, trazendo a história do país para quem não a conhece. É o encontro do Brasil consigo mesmo”, diz o poeta Virgílio Magalhe, que ministrou as aulas.

Neste encontro de que participamos todos, colonos e colonizados, saudemos, portanto, as heroínas que forjaram em lágrimas e sangue a liberdade da nação. E lembremos Gama: “Nossos críticos se esquecem que essa cor convencional da escravidão, tão semelhante à da terra, abriga, sob sua superfície escura, vulcões onde arde o fogo sagrado da liberdade”. ■